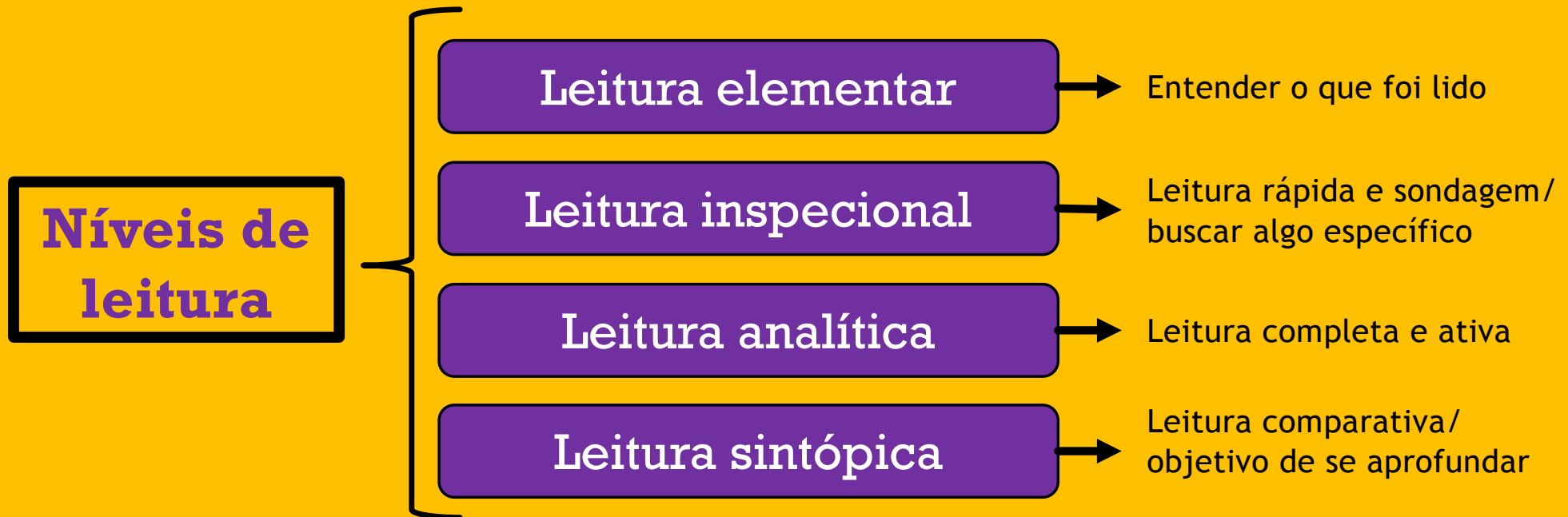


Oficina: Estudando textos acadêmicos

Existem diferentes tipos de leitura. Podemos ler para **nos divertir**, **nos informar**, **seguir instruções**, e **para aprender**. Cada tipo de leitura exige diferentes habilidades, e nesta oficina o foco é **ler para aprender** algo. Essa leitura é aquela que também chamamos de **ESTUDAR**, na qual pressupõe um estudante mais **ativo** e que tem interesse em aprender algo para aplicar posteriormente.



Em geral, a regra é: quanto mais ativo você for, ao ler, maior compreensão sobre a leitura!

Grande parte das pessoas que leem textos acadêmicos e científicos têm como **objetivo produzir algo a partir dele**, por exemplo, ler para escrever a dissertação, tese, e até outro artigo. Muitas vezes esse processo **não é sistematicamente ensinado**, o que pode deixar muitos pós-graduados perdidos e faz com que percam muita energia na hora de produzir, interferindo na motivação.

APRENDER NA PRÁTICA PODE SER CUSTOSO PARA AQUELES QUE NÃO POSSUEM REPERTÓRIO, E ISSO PODE DESMOTIVAR O ESTUDANTE

Diversas vezes essa leitura é feita no “instinto”, **sem pensar no processo de estudo**. Por isso, mesmo que você já saiba estudar um texto acadêmico, é interessante pensar no que você faz, que estratégias utiliza e quais recursos usa para essa leitura ativa.

METACOGNIÇÃO

Grande parte dos estudantes aprende com a experiência e acabam sofrendo neste processo. A ideia aqui é **dar ideias para sistematizar uma estratégia estudo de textos acadêmicos e refletir sobre a prática**.

Estratégias para a
leitura ativa
de textos
acadêmicos

Inspecionar o texto antes de ler

Grifar as ideias centrais do texto

Dar títulos aos grifos

Fazer anotações nas margens do texto

Construir esquemas/mapa conceitual

Escrever sobre o texto

Produzir parágrafos usando o texto

Antes de começar...

Pense e responda:

- Qual é seu **objetivo** ao ler esse texto?
- Será que ele é realmente **importante para seu objetivo**? Se sim, vale a pena **produzir um material** sobre ele para **posterior consulta**?
- Você está **disposto a ler ativamente** neste momento? Ler, grifar, anotar, etc.
- Qual é seu **nível de concentração**?

A primeira ação é: **INSPECIONAR**

Olhar com cuidado, examinar, identificar informações a partir dos elementos.

- Quais são os elementos que compõe um texto acadêmico?
- O que esses elementos podem revelar sobre o texto que será lido?
- Como esse texto está organizado? O que isso traz de informação?

**Inspeccionar
previamente o
texto**

Primeira página de um texto acadêmico

Título

Autor(es)

Afiliação dos autores

Onde e quando foi publicado?

Resumo / Palavras-chave

ISSN 1413-389X

Trends in Psychology / Temas em Psicologia – Março 2017, Vol. 25, nº 1, 181-192
DOI: 10.5788/TP2017.1-12

(Im)Posturas Jornalísticas: Incompreensões da Revista Veja sobre B. F. Skinner

Marcos Spector Azoubel¹
Gabriella Mendes Abbud

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil

Resumo

A ciência da análise do comportamento e o behaviorismo radical são recorrentemente alvos de incompreensões, pré-conceitos e críticas infundadas, que constituem barreiras para a difusão das propostas filosóficas, conceituais e tecnológicas da área. Os meios de comunicação popular exercem importante papel na difusão de tais visões. Por isso é importante examinar o que é dito sobre a área, a fim de subsidiar ações efetivas para esclarecimento das incompreensões da comunidade de não analistas do comportamento. No Brasil, a revista *Veja* se destaca como um dos meios de circulação de informações mais populares. O objetivo do presente trabalho foi identificar o que foi publicado na revista *Veja* sobre behaviorismo radical e análise do comportamento e avaliar criticamente as referências identificadas. A partir de buscas no acervo digital da revista, encontraram-se 67 ocorrências dos termos "Skinner", "análise do comportamento" e "behaviorismo". Foram selecionados para a análise 12 trechos. Dentre estes, 11 continham ou incompreensões históricas ou conceituais em relação ao behaviorismo radical e a análise do comportamento.

Palavras-chave: Análise do comportamento, behaviorismo radical, incompreensão do behaviorismo, Skinner, mídia popular, revista *Veja*.

Journalistic (Im)Postures: Misconceptions of *Veja* Magazine about B. F. Skinner

Abstract

The analysis of human behavior and its conceptual variant, radical behaviorism, have been suffering under the constant misunderstanding of its philosophy, preconceptions and unfounded criticism, therefore creating walls to its diffusion, either conceptual, philosophical or technological. Mass media has an important part on this erroneous view and its diffusion. Thus it is primordial to examine what is said about behaviorism, in order to create a plan with actions on how to better explain this analysis of the human behavior to non-behaviorists. In Brazil the popular magazine *Veja* stands on the spotlight of one of the most important mass media magazines. The aim of this study was to identify what was published in *Veja* magazine about radical behaviorism and behavior analysis and to critically evaluate its references. A search on the digital magazine collection met 67 occurrences of the terms "Skinner", "behavior analysis" and "behaviorism." There were 12 stretches selected for analysis. Of these, 11 were contained historical or conceptual misunderstandings in relation to the radical behaviorism and behavior analysis.

KEYWORDS: Behavior analysis, popular press, Skinner, radical behaviorism, *Veja* magazine, misunderstandings of behaviorism.

¹ Endereço para correspondência: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, R. Monte Alegre, 984, Perdizes, São Paulo, SP, Brasil 05014-901. E-mail: mazarobel@gmail.com e gabi_abbud@hotmail.com
Agradecemos a Daniel Caro pela leitura minuciosa e pelos comentários cuidadosos.

Páginas de um texto acadêmico

Subtítulos

utilizava ratos para demonstrar sua teoria. Há aí, pelo menos, dois erros. O primeiro é que Skinner não utilizou ratos para demonstrar sua teoria, mas elaborou sua teoria a partir de dados produzidos com animais (cf. Skinner, 1950, 1956). A ordem não foi elaborar uma teoria para então demonstrá-la com experimentos envolvendo ratos. O segundo aspecto deste trecho que, se não está errado, pode no mínimo induzir ao erro, é que trabalhou com outras espécies de sujeitos de pesquisa (e.g., Morse & Skinner, 1957) e a sua principal preocupação era com o comportamento humano. Seu interesse no comportamento humano, mesmo ao estudar o comportamento de outras espécies, fica evidente no trecho a seguir:

O leitor deve ter percebido que quase nenhuma extensão ao comportamento humano é feita ou sugerida. Isto não significa que se espere que ele esteja interessado no comportamento do rato por si mesmo. A importância de uma ciência do comportamento se deriva em grande parte da possibilidade de uma eventual extensão às questões humanas. (Skinner, 1938, p. 441)

Incompreensões Conceituais

Foram recorrentes os erros conceituais quanto à definição de comportamento, de reforçamento positivo e de reforçamento negativo. No trecho mais antigo em que se encontrou erro

Skinner propunha modificar o comportamento por meio de recompensa e punições. Ele propunha como objetivos da análise do comportamento a predição, o controle e a interpretação do comportamento (Skinner, 1974), não apenas a modificação de comportamentos. Além disso, dedicou-se a denunciar e descrever as relações de controle do comportamento em diversos textos (e.g., Skinner, 1971, 1974).

Diz-se, posteriormente, no trecho 6, que o objetivo da teoria Skinneriana é “se deter na realidade observável dos transtornos e seus tratamentos”. Tal postulação, entretanto, não encontra qualquer subsídio no behaviorismo radical. Além disso, Skinner rompeu com o behaviorismo metodológico (Skinner, 1974) e com os operacionistas (Skinner, 1945) em grande medida por divergir deles ao considerar importante trabalhar com eventos privados, não observáveis publicamente e não sujeitos à verdade por consenso.

No trecho 9, um erro conceitual grave é cometido ao tratar sobre a proposta das máquinas de ensinar. A reportagem traz a afirmação de que o reflexo condicionado pela máquina estimuladora o aprendizado. Porém, o conceito de reflexo não é tratado durante a proposição de aprendizagem por meio de máquinas de ensinar. Para Skinner (1968), as mudanças esperadas são nos comportamentos operantes e, por isso, dizem respeito

Todos os trechos em que havia o termo *análise do comportamento* estavam no sentido leigo. Não houve qualquer utilização do termo para designar a análise do comportamento como ciência do comportamento baseada no behaviorismo radical. O termo foi usado para tratar dos comportamentos de células, da bolsa de valores, de políticos etc. Exceto por uma referência a uma professora do núcleo de análise do comportamento da Universidade Federal do Paraná, mas foi apresentada uma opinião dela e nada mais foi dito sobre o assunto.

O termo *behaviorismo* foi usado uma vez para designar o behaviorismo de Watson, em duas outras vezes foi utilizado de forma genérica, sem referir-se a Skinner, a Watson, ou qualquer outro cientista. Em todas as outras ocorrências foram utilizadas para designar o modelo de Skinner. Nos trechos em que estava presente o termo *behaviorismo*, também estava presente o termo *Skinner*, de forma que foram eliminadas por se tratarem de repetições.

Procedimento de Análise

Os parágrafos completos em que apareceram os termos na revista foram transcritos integralmente em uma planilha do Microsoft Excel 2010. Além do campo para transcrição dos trechos, foram adicionadas a página em que cada termo apareceu, a edição e a data de publicação. Após o preenchimento das planilhas com tais informações, os trechos foram lidos pela primeira vez.

A partir da primeira leitura foram definidas duas categorias de equívocos: (a) incompreensão histórica, que se refere a equívocos relacionados a aspectos históricos da análise do comportamento e do behaviorismo radical (e.g., atribuição errônea de determinada técnica ou princípio a um autor, distorção de outros fatos ou acontecimentos relativos à ciência da análise do comportamento ou sua filosofia); (b) incompreensão conceitual, que se refere a equívocos relacionados aos conceitos e princípios da análise do comportamento (e.g., erros na definição de comportamento, uso da palavra “reflexo” para designar um comportamento operante). Os trechos selecionados, as categorias de equívocos atribuídas

e as suas justificativas foram apresentados na seção de *Resultados e Discussão*.

Resultados e Discussão

Após a realização dos procedimentos descritos no Método, 12 trechos foram selecionados para a análise. Destes, apenas um não teve qualquer erro ou inconsistência teórica categorizada. Nele, diz-se que Skinner possui fama de anti-humanista, afirmação que encontra subsídios na literatura (Rumph et al., 2007), e que era, no momento, o único psicólogo vivo que rivalizava com Rogers como o mais importante. Os demais trechos foram categorizados como contendo incompreensões históricas (Tabela 1), incompreensões conceituais (Tabela 2) ou ambas e foram identificados com um número de 1 a 12, de acordo com a ordem cronológica, para facilitar a leitura.

Incompreensões Históricas

Um primeiro equívoco, ou ao menos falta de clareza, evidente em todos os trechos em que apareceu a palavra “behaviorismo” é a não diferenciação entre os diversos behaviorismos que existem ou existiram na comunidade científica. Smith (1986) cita a existência de, ao menos, quatro behaviorismos durante a história: o behaviorismo de Watson e os neobehaviorismos de Tolman, Hull e Skinner. Porém, como é possível notar pela Tabela 1, todas as referências parecem ser dirigidas a Skinner, exceto uma que indica Pavlov, junto a Skinner, como um dos precursores do “behaviorismo”, dito de forma genérica.

O trecho 2 foi retirado da crítica do filme “*A Trama*”, no qual o autor afirma terem sido utilizadas “teorias comportamentalistas de Skinner” para praticar lavagem cerebral em algumas personagens. Apesar da frase do autor, não há qualquer registro na literatura da análise do comportamento de descrição de técnicas para lavagem cerebral.

No trecho 3 em que era anunciada a morte de Skinner, em 1990, aparece uma sequência de erros históricos. O primeiro foi a atribuição do título de psicanalista ao fundador do beha-

Páginas de um texto acadêmico

Tabelas

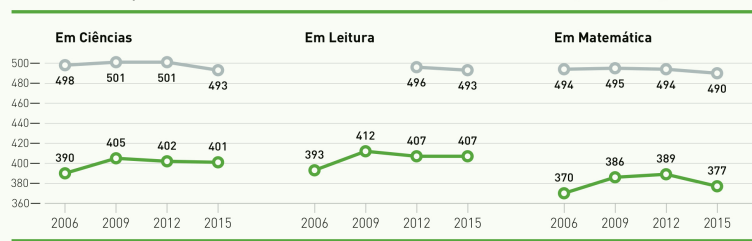
Tabela 2
Apresentação dos Trechos em que Foram Identificadas Incompreensões Conceituais e as Datas de Publicação. Os Números da Segunda Coluna Servem para Identificar o Trecho de Acordo com a Ordem Cronológica

Data de Publicação	Número	Trecho
25/03/73	1	<p>A teoria do reforço positivo é de autoria de Burrus (sic) Skinner, que descobriu a importância que possuía a atitude de apoio dentro da aprendizagem e do condicionamento (p. 58).</p> <p>MORRERAM: Burrhus Frederic Skinner, aos 86 anos, psicanalista americano que criou a polêmica escola behaviorista de psicologia, que definia o comportamento humano como resultado de aptidões genéticas que poderiam ser desenvolvidas ou atrofiadas por estímulos ambientais. Ele começou a desenvolver suas teorias em 1948 quando era professor na Universidade de Harvard. Discípulo do russo Ivan Pavlov, formulou uma teoria que propunha modificar o comportamento das pessoas através de recompensas ou punições. Essas idéias foram sistematizadas cinco anos mais tarde quando ele escreveu o livro <i>Ciência e Comportamento Humano</i>, um dos clássicos da psicologia moderna. Para demonstrar sua teoria, ele criou a "caixa de Skinner", um ambiente no qual treinava pacientemente ratos e pombos para realizar tarefas inusitadas, como jogar tênis de mesa. As recompensas vinham na forma de uma alimentação farta e os castigos como choques elétricos. Skinner utilizou o mesmo princípio para propor uma reformulação do ensino com o objetivo de estimular o desempenho dos alunos. Em vez de ter que enfrentar uma prova única, ele propunha que os estudantes deveriam receber uma recompensa para cada tarefa escolar que realizassem. A teoria behaviorista foi reavaliada por seus seguidores quando Skinner cometeu o exagero de isolar a própria filha Deborah para provar que suas idéias tinham fundamento. Dia 18, de leucemia, em Cambridge, Estados Unidos (p. 82).</p>
29/08/90	3	<p>Nem todas as correntes da psicologia se dispuseram a falar a língua do DSM. "Era necessário adotar o conceito médico de diagnóstico e o foco na comprovação experimental dos tratamentos, o que para alguns significava uma submissão da psicologia à medicina", diz o psiquiatra José Alberto Del Porto, professor da Escola Paulista de Medicina. As que se adaptaram melhor foram as correntes comportamental e cognitiva, ambas surgidas nos Estados Unidos nos anos 50 e 60, e que defendiam um olhar mais pragmático sobre o fenômeno psicológico. Burrhus Frederic Skinner, principal nome da escola comportamental, achava que mais importante do que abrir a caixa-preta da mente, como queria Freud, era se deter sobre a realidade observável dos transtornos e seus tratamentos. É difícil resumir sua complexa teoria, exposta em livros como <i>Ciência e Comportamento Humano</i>, que tem mais de 500 páginas. Ela se baseia nos conceitos de estímulo, resposta e reforço, e o tratamento hoje utilizado para fobias, no qual o paciente é incentivado a enfrentar aquilo que teme, é baseado em suas técnicas (pp. 121-122).</p>
01/12/04	6	<p>A primeira experiência de uso da tecnologia de ensino deu-se com as máquinas concebidas pelo psicólogo americano Burrhus Frederic Skinner, programadas para fazer perguntas que ganhavam complexidade a cada resposta correta. Acreditava-se que o reflexo condicionado pela tal máquina estimularia o aprendizado. Com a explosão dos computadores na década de 70, o assunto ressurgiu na contramão do que pregava Skinner: a nova corrente de entusiastas da tecnologia, encabeçada pelo doutor em Matemática Seymour Papert, defendia a tese de que caberia às crianças programar as máquinas- e não o contrário (pp. 88-89).</p>
16/05/07	9	<p>As bases da terapia cognitivo-comportamental, cujas taxas de sucesso são bastante altas, remontam às teorias do médico russo Ivan Pavlov (1849-1936) e às do psicólogo americano Burrhus Frederic Skinner (1904-1990), precursores do behaviorismo. Pavlov formulou a tese do reflexo condicionado, segundo a qual a repetição constante de um estímulo "ensina" o sistema nervoso a responder invariavelmente da mesma forma. Sua teoria foi elaborada a partir de estudos com cães que eram alimentados depois que ele tocava um sino. Com o tempo, Pavlov constatou que bastava tocar o sino para que os animais salivassem. Skinner, por sua vez, chegou ao conceito de condicionamento operante, por meio de experiências com ratos de laboratório. Quando os roedores apertavam um botão, uma portinhola com comida se abria. Os ratos, por fim, aprenderam que, para comer, era preciso pressionar o botão. A diferença entre o reflexo condicionado de Pavlov e o condicionamento operante de Skinner é que o primeiro é uma resposta a um estímulo puramente externo (o sino toca, o cachorro saliva), ao passo que o segundo é o hábito produzido por uma ação estranha à natureza do animal (o rato aperta botão para comer) (p. 154).</p>
15/09/08	11	

Páginas de um texto acadêmico

Gráficos

Desempenho médio no Pisa
Brasil e média dos países da OCDE – 2006-2015

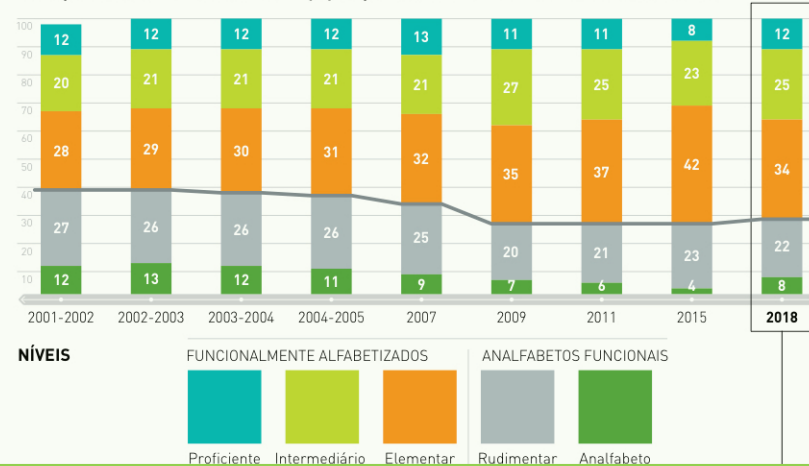


Fonte: MEC/Inep/DEED - PISA - OCDE.

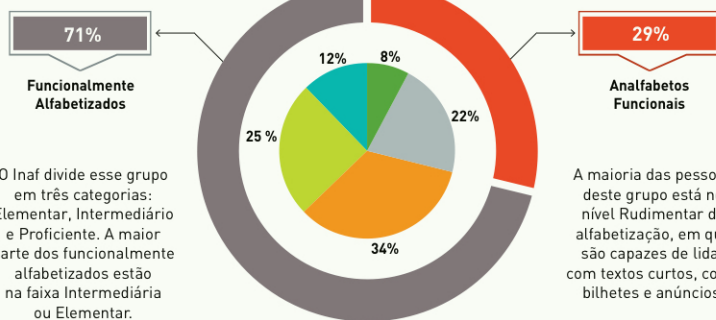
O PISA E A SITUAÇÃO ECONÔMICA, SOCIAL E CULTURAL

o aumento de quatro pontos percentuais no nível mais baixo de alfabetismo.

Evolução do alfabetismo funcional da população de 15 a 64 anos – 2001-2002 a 2018 (Em %)



2018



O Inaf divide esse grupo em três categorias: Elementar, Intermediário e Proficiente. A maior parte dos funcionalmente alfabetizados estão na faixa Intermediária ou Elementar.

A maioria das pessoas deste grupo está no nível Rudimentar de alfabetização, em que são capazes de lidar com textos curtos, como bilhetes e anúncios.

Fontes: Inaf/Ação Educativa e Instituto Paulo Montenegro. Elaborado pelas/os autoras/es. Inaf Brasil 2001-2002, 2015 e 2018.
Notas: (5) O critério de arredondamento das frações dos resultados permite percentuais totais diferentes da soma dos números arredondados.

*Os gráficos foram retirados do Anuário Brasileiro da Educação básica, pois não havia nenhum no texto apresentado.

Últimas páginas de um texto acadêmico

Referências

Referências

- Axelrod, S. (1992). Disseminating an effective educational technology. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 25(1), 31-35. doi:10.1901/jaba.1992.25-31
- Benetti, M. (2007). A ironia como estratégia discursiva da revista *Veja*. *Encontro da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação*, 35-45.
- Catania, A. C., Matthews, B. A., & Shimoff, E. (1982). Instructed versus shaped human verbal behavior: Interactions with nonverbal responding. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 38(3), 233-248. doi:10.1901/jeab.1982.38-233
- Cruz, S. S. (1983, jun.). Entrevista: B. F. Skinner. *Veja*, 771, 3-6.
- Davison, M. C., & Kirkwood, B. J. (1968). Response cost and the control of verbal behavior under free-operant avoidance schedules. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 11(2), 173-176.
- Fantuzzo, J., & Atkins, M. (1992). Applied behavior analysis for educators: Teacher centered and classroom based. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 25(1), 37-42. doi:10.1901/jaba.1992.25-37
- Galeano, E. (1982). *As veias abertas da América Latina*. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra. (Original publicado em 1971)
- Skinner's Verbal Behavior. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 13(1), 83-99.
- Miraldo, C. M. V. (1985). *Conhecimento e crenças de estudantes de Psicologia acerca da Análise Experimental do Comportamento* (Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo, SP, Brasil).
- Morris, E. K. (1985). Public information, dissemination, and behavior analysis. *The Behavior Analyst*, 8(1), 95-110.
- Morse, W., & Skinner, B. (1957). A second type of superstition in the pigeon. *The American Journal of Psychology*, 70(2), 208-211.
- Rodrigues, M. E. (2005). *A contribuição do Behaviorismo Radical para a formação de professores – Uma análise a partir das dissertações e teses no período de 1970 a 2002* (Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP, Brasil).
- Rumph, R., Ninness, C., McCuller, G., Holland, J., Ward, T., & Willbourn, T. (2007). "The Shame of American Education" Redux. *Behavior and Social Issues*, 16(1), 27-41. doi:10.5210/bsi.v16i1.399
- Rutherford, A. (2004). A "visible scientist": BF Skinner's writings for the popular press. *European Journal of Behavior Analysis*, 5(2), 109-120. doi:10.1080/15021149.2004.11434237
- Shillingsburg, M. A., Powell, N. M., & Bowen, C. N. (2013). Teaching children with autism spectrum disorders to mand for the removal of stimuli that

prevent access to preferred items. *The Analysis of Verbal Behavior*, 29(1), 51-57. doi:10.1901/jaba.1985.18-111

Sidman, M. (1989). *Coercion and its fallout*. Boston, MA: Authors Cooperative.

Skinner, B. F. (1938). *The behavior of organisms: An experimental analysis*. Oxford, England: Appleton-Century.

Skinner, B. F. (1945). The operational analysis of psychological terms. *Psychological Review*, 52(5), 270-277.

Skinner, B. F. (1948). *Walden II*. New York: Macmillan.

Skinner, B. F. (1950). Are theories of learning necessary? *Psychological Review*, 57(4), 193-216.

Skinner, B. F. (1953). *Science and human behavior*. New York: Macmillan.

Skinner, B. F. (1954). Critique of psychoanalytic concepts and theories. *The Scientific Monthly*, 79, 300-305.

Skinner, B. F. (1956). A case history in scientific method. *American Psychologist*, 11(5), 221-233.

Skinner, B. F. (1957). *Verbal behavior*. New York: Appleton-Century-Crofts.

Skinner, B. F. (1968). *The technology of teaching*. New York: Appleton-Century-Crofts.

Skinner, B. F. (1971). *Beyond freedom and dignity*. New York: Alfred A. Knopf.

Skinner, B. F. (1974). *About behaviorism*. New York: Alfred A. Knopf.

Skinner, B. F. (1984). The shame of American education. *American Psychologist*, 39(9), 947-954.

Skinner, B. F. (1990). The non-punitive society. *Japanese Journal of Behavior Analysis*, 5, 98-106.

Skinner, B. F. (2003). *Ciência e comportamento Humano*. São Paulo, SP: Martins Fontes. (Original publicado em 1953)

Skinner, B. F., & Vaughan, M. E. (1983). *Enjoy old age: A program of self-management*. New York: W. W. Norton.


Smith, L. D. (1986). *Behaviorism and logical positivism: A reassessment of the alliance*. Stanford, CA: Stanford University Press.

Sokal, A., & Bricmont, J. (1999). *Imposturas intelectuais*. Rio de Janeiro, RJ: Record. (Original publicado em 1995)

Weber, L. N. D. (2002). Conceitos e pré-conceitos sobre o behaviorismo. *Psicologia Argumento*, 20(31), 29-38.

Winett, R. A., & Winkler, R. C. (1972). Current behavior modification in the classroom: Be still, be quiet, be docile. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 5(4), 499-504.

Recebido: 20/10/2015
1ª revisão: 08/01/2016
2ª revisão: 28/02/2016
Aceite final: 28/02/2016



O que eu já sei sobre o tema?

O que me dizem as referências?

O que as figuras e tabelas mostram?

O que me dizem os subtítulos?

Qual perspectiva teórica do(s) autor(es)?



Agora é a sua vez!

1. Escolha um texto
2. Inspecione
3. Pense quais são os elementos do texto
4. Pense em relações entre os elementos do texto
5. Pense como esses elementos se relacionam com o que você já sabe sobre o tema

A próxima ação é: **GRIFAR**

Destacar palavras-chaves ou trechos que estão relacionados com elementos inspecionados e com os objetivos de leitura

- O que grifar?
- Como definir o que é importante?
- O que fazer com esses grifos?

Grifar o texto

1

Grife palavras que estão relacionadas com os elementos inspecionados! São importantes!

2

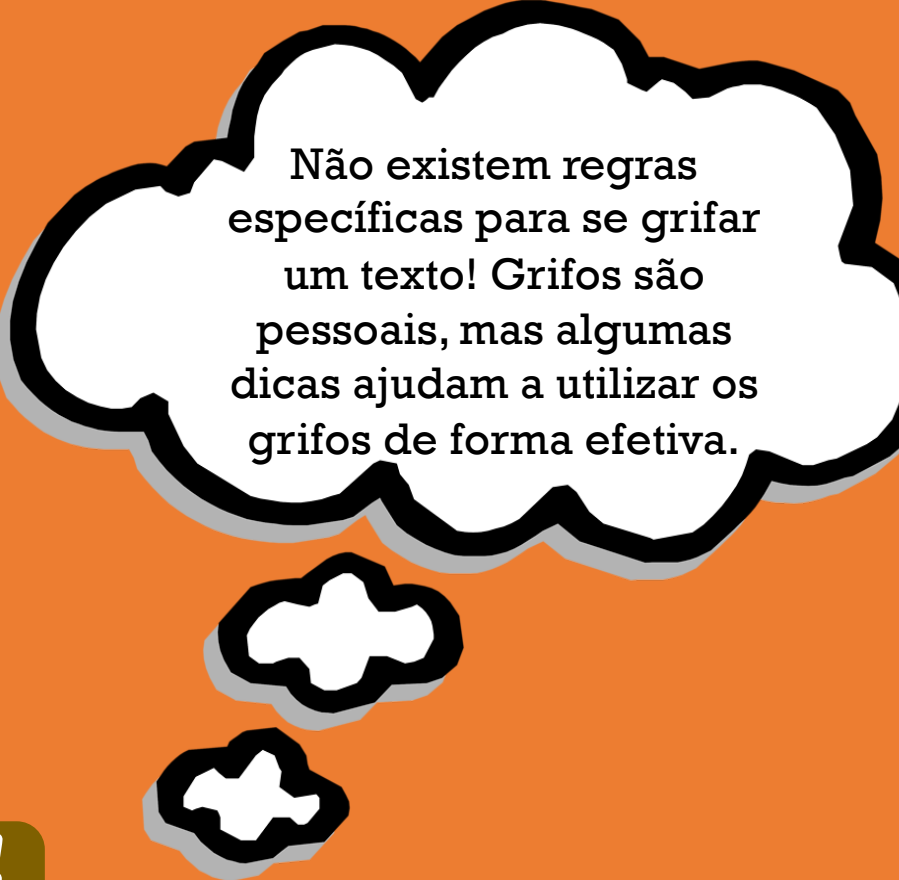
Sempre releia seus grifos depois de terminar de ler um parágrafo! Isso ajuda a memorização!

3

Não deixe seu grifo de lado! Grifos têm de ser usados depois! Construa esquemas a partir de seus grifos!

4

Grife ou circule conectores em um texto! Ajuda a identificar relações!



Não existem regras específicas para se grifar um texto! Grifos são pessoais, mas algumas dicas ajudam a utilizar os grifos de forma efetiva.

(Im) Posturas Jornalísticas: Incompreensões da Revista Veja sobre B. F. Skinner

Marcos Spector Azoubel¹
Gabriella Mendes Abbud

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil

Resumo

A ciência da análise do comportamento e o behaviorismo radical são recorrentemente alvos de incompreensões, pré-conceitos e críticas infundadas, que constituem barreiras para a difusão das propostas filosóficas, conceituais e tecnológicas da área. Os meios de comunicação popular exercem importante papel na difusão de tais visões. Por isso é importante examinar o que é dito sobre a área, a fim de subsidiar ações efetivas para esclarecimento das incompreensões da comunidade de não analistas do comportamento. No Brasil, a revista *Veja* se destaca como um dos meios de circulação de informações mais populares. O objetivo do presente trabalho foi identificar o que foi publicado na revista *Veja* sobre behaviorismo radical e análise do comportamento e avaliar criticamente as referências identificadas.

A partir de buscas no acervo digital da revista, encontraram-se 67 ocorrências dos termos “Skinner”, “análise do comportamento” e “behaviorismo”. Foram selecionados para a análise 12 trechos. Dentre estes, 11 contiveram ou incompreensões históricas ou conceituais em relação ao behaviorismo radical e à análise do comportamento.

Palavras-chave: Análise do comportamento, behaviorismo radical, incompreensão do behaviorismo, Skinner, mídia popular, revista *Veja*.



Agora é a sua vez!

1. Utilize o texto que você inspecionou
 2. Escolha uma parte do texto
 3. Vamos grifar!
- (e argumentar... Por que você grifou essa parte?)

A próxima ação é: **Dar títulos aos grifos**

Fazer anotações sobre o conteúdo do texto para que as próximas leituras não precisem ser completas, e sim uma forma de consulta do que já foi lido

- Faça anotações sobre:
 - Definições
 - Argumentos
 - Características
 - Relações com o que você já sabe
 - O que mais você julgar importante

**Dar títulos aos
grifos e fazer
anotações**

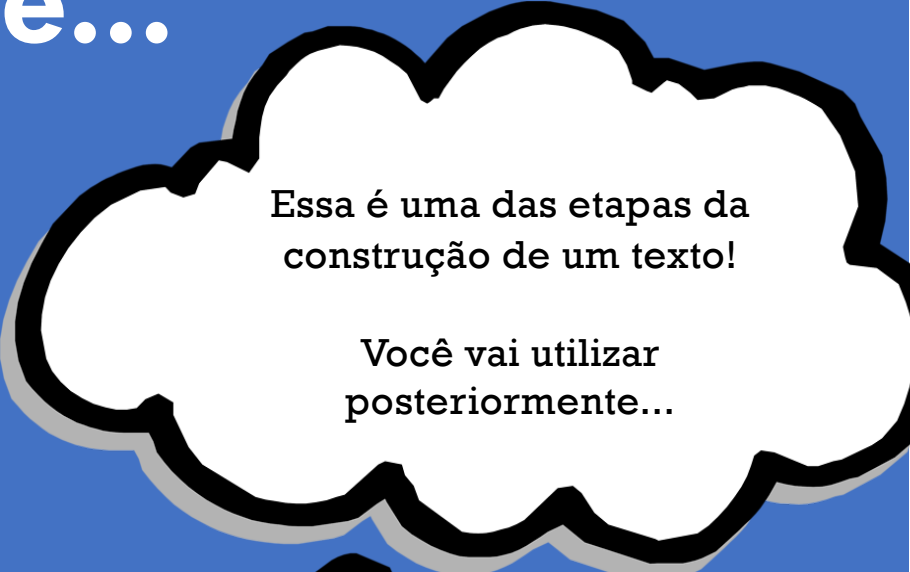
Importante...

Faça anotações como se estivesse explicando para si mesmo os pontos importantes do trecho

Seja efetivo e direto: escreva algo para que você do futuro entenda e possa consultar


Utilize setas, riscos, seja criativo para conectar elementos

Não faça cópias, reescreva com suas palavras (utilize paráfrases)



Essa é uma das etapas da construção de um texto!

Você vai utilizar posteriormente...



(Im) Posturas Jornalísticas: Incompreensões da Revista Veja sobre B. F. Skinner

Marcos Spector Azoubel¹
Gabriella Mendes Abbud

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil

Resumo

A ciência da análise do comportamento e o behaviorismo radical são recorrentemente alvos de incompreensões, pré-conceitos e críticas infundadas, que constituem barreiras para a difusão das propostas filosóficas, conceituais e tecnológicas da área. Os meios de comunicação popular exercem importante papel na difusão de tais visões. Por isso é importante examinar o que é dito sobre a área, a fim de subsidiar ações efetivas para esclarecimento das incompreensões da comunidade de não analistas do comportamento. No Brasil, a revista *Veja* se destaca como um dos meios de circulação de informações mais populares. O objetivo do presente trabalho foi identificar o que foi publicado na revista *Veja* sobre behaviorismo radical e análise do comportamento e avaliar criticamente as referências identificadas.

A partir de buscas no acervo digital da revista, encontraram-se 67 ocorrências dos termos “Skinner”, “análise do comportamento” e “behaviorismo”. Foram selecionados para a análise 12 trechos. Dentre estes, 11 contiveram ou incompreensões históricas ou conceituais em relação ao behaviorismo radical e à análise do comportamento.

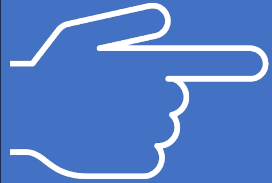
Palavras-chave: Análise do comportamento, behaviorismo radical, incompreensão do behaviorismo, Skinner, mídia popular, revista *Veja*.

Por que estudar esse tema?

Porque a análise do comportamento é algo de incompreensões e preconceitos. De forma recorrente.

Objetivo

Identificar publicações na revista *Veja* e avaliar criticamente as referências.



Agora é a sua vez!

1. Utilize os grifos que você fez...
2. Sobre o que é esse grifo? Anote
3. Seja breve!

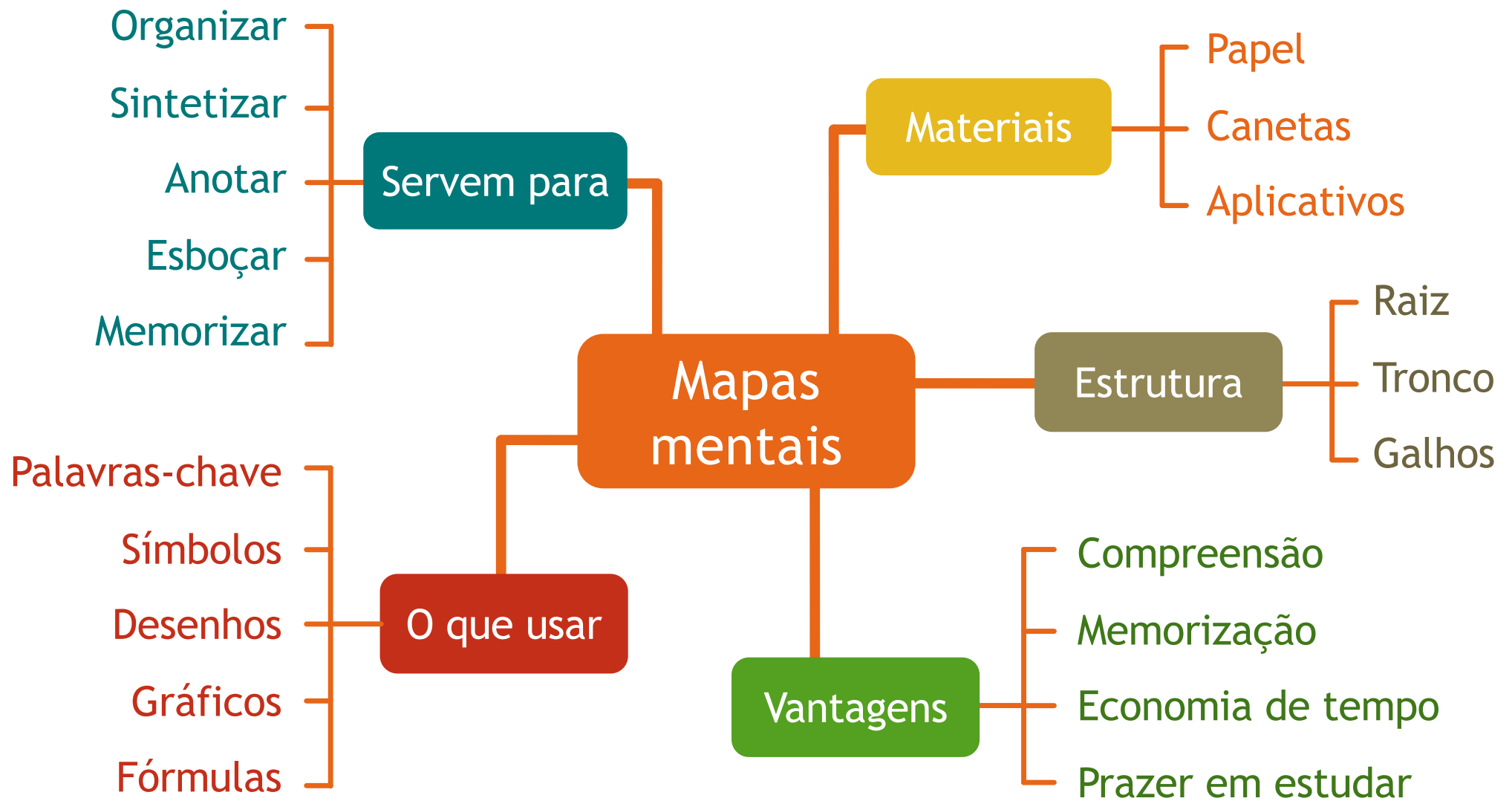
Construir
esquemas/
mapas conceituais

Escrever sobre o
texto

A próxima ação é: **Produzir algo com o texto lido**

Fazer esquemas, resumos, fichamentos, mapas mentais, ou produzir qualquer outro material de anotações – o importante é ser ativo e colocar a mão na massa

Com o tempo você vai entender o que funciona para você – o que é mais efetivo para seu objetivo e posterior consulta. Experimente!



Lista de Referências das fichas de leitura

Nº	Referência do Texto	tipo
1	Street, E.M. & Johnson, K. (2014). The Sciences of Learning, Instruction, and Assessment as Underpinnings of the Morningside Model of Generative Instruction. <i>Acta de Investação Psicológica</i> , 4(3), 1772-1792.	Teórico
2	Perera Abi, P.E., Bender Haydu, v., & Carmo, J.S. (2014). Motivação no ensino e aprendizagem: algumas contribuições da Análise do Comportamento. <i>CES Psicología</i> , 7(2), 138-152.	Teórico
3	Santos, J. A., & de Rosa, J. C. (1999). A importância do reforço natural na formação do hábito de leitura. <i>Revista Oihar</i> , 1, 37-42.	Teórico
4	Marsh, E. J., Nathan, M. J., Rawson, K. A., Willingham, D. T., & Dunlosky, J. (2013). Improving Students' Learning With Effective Learning Techniques. <i>Psychological Science in the Public Interest</i> , 14(1), 4-58.	Teórico
5	Daniels, M. A., Guerrero-Casanova, D. C., Azzi, R. G., & Benassi, M. D. T. (2015). Relações entre autoeficácia acadêmica e estratégias de estudo e aprendizagem: mudanças ao longo do primeiro semestre do Ensino Médio. <i>Psicologia Ensino & Formação</i> , 8(1), 33-51.	IMRD
6	Pergher, N.K., Colombini, F., Chamati, A.B., Figueiredo, S. & Camargo, M.I. (2012). Desenvolvimento de hábitos de estudo. Em N. B. Borges, & F.A. Cassas (Orgs.), <i>Clínica Analítica-Comportamental: aspectos teóricos e práticos</i> (pp. 277-286). Porto Alegre: Artmed.	Teórico
7	Regra, J.A.G. (2004). Aprender a estudar. Em M.M.C. Hübner & M. Marinotti (Orgs.), <i>Análise do Comportamento para a Educação: contribuições recentes</i> . (pp. 225-242). Santo André: ESETEc Editores Associados.	Teórico
8	Hübner, M.M.C. (2004). Ensaiando a estudar textos acadêmicos. Em M.M.C. Hübner & M. Marinotti (Orgs.), <i>Análise do Comportamento para a Educação: contribuições recentes</i> . (pp. 243-252). Santo André: ESETEc Editores Associados.	Teórico
9	Basso, C., Graf, L. P., Lima, F. C., Schmidt, B., & Bardagi, M. P. (2013). Organização de tempo e métodos de estudo: Oficinas com estudantes universitários. <i>Revista Brasileira de Orientação Profissional</i> , 14(2), 277-288.	IMRD
10	Velasco, S.M. (2016). Análise do Comportamento e Educação - Ensinar a Estudar. <i>Boletim Paradigma</i> , 11, 45-48.	Teórico
11	Henkhan, M.H.O., & Carmo, J.S. (2013). Contribuições da análise do comportamento à educação: um convite ao diálogo. <i>Cadernos de Pesquisa</i> , 43(149), 704-723.	Teórico
12	Cortegoso, A.L., & Botomé, S.P. (2002). Comportamentos de agentes educativos como parte de contingências de ensino de comportamentos ao estudar. <i>Psicologia: Ciência e Profissão</i> , 22(1), 50-65.	IMRD
13	Rodrigues, M.E. (2005). Estudar: como ensinar? Em H.J. Guilhardi & N.C. de Aguiar (Orgs.) Sobre Comportamento e Cognição: expondo a variabilidade (pp. 416-427). Santo André: ESETEc Editores Associados.	Teórico
14	Kienen, N., Sahnão, F. T., Rocha, L.B., Ortolan, M.L.M., Soares, N.G., Michelato, Y. S., & Prieto, T. (2017). Comportamentos pré-requisitos do "Estudar textos em contexto acadêmico". <i>Rev. CFS Psich</i> , 10(2), 28-49.	IMRD
15	Aggio, N.M., Postali, L.M.M., & Garcia, L.T. (2016). Implicações educacionais da concepção comportamental de pensamento: ensinar a pensar e a resolver problemas. <i>Perspectivas em análise do comportamento</i> , 7(1), 48-58.	Teórico
16	Figueiral, A.S. (2015). O que é estudar? Entendendo o processo em termos cerebrais. Em T. Pariano & C.C.A. Rocca (Orgs.), <i>Como se estuda? Como se aprende? Um guia para pais, professores e alunos, considerando os princípios das neurociências</i> (pp. 37-50). São José dos Campos: Pulso Editorial.	Teórico
17	Guerra, B. (2012). Análise do comportamento e a construção social do conhecimento. <i>Revista Brasileira de Análise do Comportamento</i> , 9 (1), 117-137. (Angeles, H.V.B.R., Moreira, M.B.& Martone, R.C. Trad. Obra original publicada em 1992).	Teórico
18	Moroz, M. & Luna, S.V. (2013). Professor: o profissional do ensino Reflexões do ponto de vista behaviorista/comportamental. <i>Psicologia da Educação</i> , (36), 115-121.	Teórico
19	Hübner, M. M. C. (1999). Contingências e regras familiares que minimizam problemas de estudo: a família pré-saber. Em R. R. Karbaury & R. C. Wierlenka (Orgs.) <i>Sobre comportamento e Cognição</i> (pp. 251-256). Santo André, SP: ESETEc.	Teórico
20	Garcia, V.A., Falção, A.P., Almeida-Verdu, A.C.M. (2016). O treino de operantes verbais durante o comportamento de estudar: relato de um caso. <i>Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva</i> , 19(1), 31-48.	IMRD
21	Balmóia, H., & Almeida, L. S. (2008). Aprendizagem auto-regulada: fundamentos e organização do Programa SABER. <i>Psicologia Escolar e Educacional</i> , 12(1), 13-22.	IMRD
22	Busnelo, F. B., de Joui, G. I., & Sperb, T. M. (2012). Desenvolvimento de habilidades metacognitivas: capacitação de professores de ensino fundamental. <i>Psicologia: Reflexão e Crítica</i> , 25(2), 311-319.	IMRD
23	Cortegoso, A. L., & Ramos, C. B. A. (2004). Preferência por diferentes combinações de atividades brincar e estudar e efeitos sobre propriedades de comportamentos de estudo em crianças. <i>Psicologia e Educação</i> , 18, 131-155.	IMRD
24	Coser, D. S., Cortegoso, A. L., & Gil, M. S. C. A. (2011). Promoção de comportamentos de estudo em crianças: resultados de um programa de ensino para pais e responsáveis. <i>Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva</i> , 13(2), 55-78.	IMRD
25	Costa, E. R., & Boruchovitch, E. (2009). As estratégias de aprendizagem e a produção de textos narrativos. <i>Psicologia: Reflexão e Crítica</i> , 22(2), 173-180.	IMRD
26	Gurgueira, L. H. & Cortegoso, A. L. (2008). Avaliação de um programa de ensino para capacitar mães como agentes favorecedoras do estudo. <i>Psicologia da Educação</i> , 12(7), 5-30.	IMRD
27	Oliveira Ferreira, B., de Araújo, E. P., & Souza, A. B. L. (2015). Incentivo ao desenvolvimento dos hábitos de estudos. Encontro. <i>Revista de Psicologia</i> , 17(27).	IMRD
28	Pergher, N.K., & Negroli, L. F. (2012). Aplicação do sistema multidimensional para categorização de comportamentos na interação terapêutica ao acompanhamento terapêutico com foco no desenvolvimento de comportamentos pré-estudo. <i>Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento</i> , 12(1), 88-97.	IMRD
29	Poehlin, M. M. F., D. D. (2010). Psicologia, cognição e sucesso escolar: concepção e validação dum programa de estratégias de aprendizagem. <i>Psicologia: Reflexão e Crítica</i> , 23(2), 362-373.	IMRD
30	Rosário, P., Nunes, T., Magalhães, C., Rodrigues, A., Pinto, R., & Ferreira, P. (2010). Processos de auto-regulação da aprendizagem em alunos com insucesso no 1.º ano de Universidade. <i>Psicologia Escolar e Educacional</i> , 14(2), 349-358.	IMRD
31	Scarpelli, P. B., Costa, C. E. & Souza, S. R. de. (2006). Treino de mães na interação com os filhos durante a realização da tarefa escolar. <i>Estudos de Psicologia</i> , 28(1), 55-65.	IMRD
32	Souza, S. R. S., Harumi, C. & Battistella, S. (2008). Treinamento de mães: instruções e fichas no auxílio à tarefa escolar. <i>Contextos Clínicos</i> , 1(2), 113-124.	IMRD
33	Sudo, C. H., Souza, S. R. e Costa, C. E. (2006). Instrução e Modelação no treino de mães no auxílio à tarefa escolar. <i>Revista Brasileira de Psicologia Comportamental e Cognitiva</i> , 8(1), 59-72.	IMRD
34	Teixeira, A. R., & Alparandini, F. M. Z. (2013). Intervenção no uso de estratégias de aprendizagem diante de dificuldades de aprendizagem. <i>Psicologia Escolar e Educacional</i> , 17(2), 279-288.	IMRD
35	Da, F., Pampão, R. C. O., & Williams, L. C. A. (2008). O impacto do envolvimento parental no desempenho acadêmico de crianças escolares. <i>Psicologia em Estudo</i> , 13(2), 351-360.	Teórico
36	De Rosa, J. C. (2004). Além da resposta correta: controle de estímulo e o raciocínio do aluno. In M. M. C. Hübner & M. Marinotti (Orgs.), <i>Análise do Comportamento para a Educação: contribuições recentes</i> (pp. 103-113). São Paulo, SP: ESETEc.	Teórico
37	Groberman, S. S. (2005). Leitura: uma proposta para identificação do repertório de alunos de 5ª. Série do ensino fundamental. In H. J. Guilhardi & N. C. de Aguiar (Orgs.), <i>Sobre comportamento e cognição: Expondo a variabilidade</i> (V. XV), pp. 287-299). Santo André, SP: ESETEc.	Teórico
38	Hübner, M. M., & Marinotti, M. (2000). Crianças com dificuldades escolares. In E. F. M. Silveiras (Org.), <i>Estudos de caso em psicologia clínica comportamental infantil</i> (Vol. 2, pp. 259-304). Campinas, SP: Papirus.	Teórico
39	Paracampo, C. C. P., & Albuquerque, L. C. (2004). Análise do papel das consequências programadas no seguimento de regras. <i>Interação em Psicologia</i> , 8(2), 237-245.	IMRD
40	Patto, M. H. S. (2000). A produção do fracasso escolar. Histórias de submissão e rebeldia. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.	Teórico
41	Rosa, J. (2012). ANÁLISE COMPORTAMENTAL DA APRENDIZAGEM DE LEITURA E ESCRITA. <i>Revista Brasileira de Análise do Comportamento</i> , 1(1), 29-50.	Teórico
42	Colombini, F., Shoji, F. T., & Pergher, N. K. (2012). Ansiedade matemática e desenvolvimento de hábitos de estudo: Algumas possibilidades de atuação do acompanhante terapêutico. <i>Comportamento em Foco</i> , 131-142.	IMRD
43	García, I. R. (2015). El papel del docente de lengua en la formación para la lectura disciplinar. <i>Educación y Humanismo</i> , 17(29), 202-219.	IMRD
44	Severino, M., Tecca DeCarlo, M. J., Sondergeld, T., Izzetoglu, M., & Ammar, A. (2018). A Validation Study of a Middle Grades Reading Comprehension Assessment. <i>EMLE Online</i> , 4(1), 1-16.	IMRD
45	Englert, C. S. (2009). Connecting the dots in a research program to develop, implement, and evaluate strategic literacy interventions for struggling readers and writers. <i>Learning Disabilities Research & Practice</i> , 24(2), 104-120.	IMRD
46	McCormick, S., & Cooper, J. O. (1991). CAN SQ3R FACILITATE SECONDARY LEARNING DISABLED STUDENTS' LITERAL COMPREHENSION OF EXPOSITORY TEST? THREE EXPERIMENTS. <i>Reading Psychology: An International Quarterly</i> , 12(3), 239-271.	IMRD
47	Ruiz, A. R. (2015). Tecnologias, aprendizagem da atenção e aprender a estudar. <i>Educar em Revista</i> , (55), 293-306.	IMRD
48	Adams, A., Carrine, D., & Gersten, R. (1982). Instructional strategies for studying content area texts in the intermediate grades. <i>Reading Research Quarterly</i> , 27-55.	IMRD
49	Jairam, D., & Kiewra, K. A. (2009). An investigation of the SOAR study method. <i>Journal of Advanced Academics</i> , 20(4), 602-629.	IMRD
50	Jairam, D., & Kiewra, K. A. (2010). Helping students soar to success on computers: An investigation of the SOAR study method for computer-based learning. <i>Journal of Educational Psychology</i> , 102(3), 601.	IMRD
51	Jairam, D., Kiewra, K. A., Rogers-Kasson, S., Patterson-Hazley, M., & Marxhausen, K. (2014). SOAR versus SQ3R: a test of two study systems. <i>Instructional Science</i> , 42(3), 409-420.	IMRD
52	Souza, N. A. D., & Boruchovitch, E. (2010). Mapas conceituais: estratégia de ensino/aprendizagem e ferramenta avaliativa. <i>Educação em Revista</i> , 26(3), 195-217.	IMRD



Ficha de Leitura do Texto:	
Referência	
Como citar	
Possíveis citações	

Resumo:

O objetivo do trabalho é
Hipóteses:

INTRODUÇÃO

Teoria de apoio	
Conceitos apresentados	
Pesquisas anteriores	

MÉTODO

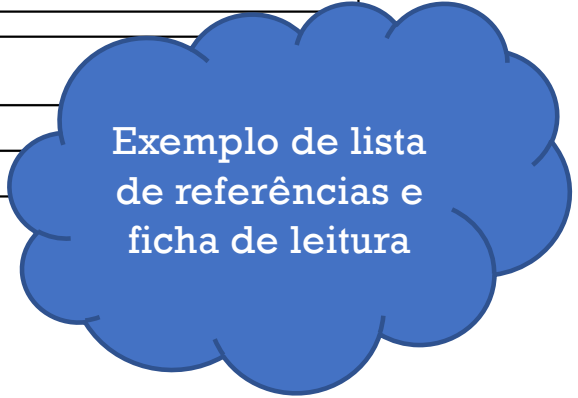
Participantes	
Materiais	
Tipo de pesquisa e delineamento	
Procedimentos de coleta	
Procedimentos de análise	

RESULTADOS

DISCUSSÃO

Comentários:

Referências interessantes:



Agora é a sua vez!

Crie seu jeito de fazer.

Não tem jeito certo, basta usar as dicas e sua criatividade!

1. Construa um mapa conceitual/esquema/ficha de leitura a partir dos seus grifos e anotações
2. A partir do que você produziu, tente explicar em voz alta o que você entendeu e anotou – verificando sua compreensão do tema

A próxima ação é: **Escrever sobre o tema**

Agora você pode escrever sobre o que estudou, estabelecer relações entre os textos lidos, escrever com mais facilidade o seu trabalho utilizando as informações lidas

- A produção de um parágrafo pode ser matéria para outra oficina, mas atente-se:
 - Tópico frasal – o assunto principal do parágrafo que está produzindo;
 - Períodos complementares – estabelecimento de relações com o restante do parágrafo;
 - Unidade do parágrafo – amarração das ideias
 - Coerência – sequência organizada de ideias
 - Consistência – mesmo critério de forma e conteúdo
 - Concisão – eliminar palavras desnecessárias

Produzir usando o
texto lido

Saiba mais em:

